

José Roberto Santos Neves

As glórias de Lalá

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Não sou torcedor do Fluminense. Mas foi impossível não se emocionar ao ouvir o hino do tricolor carioca após a conquista deste domingo. A execução do hino é o símbolo máximo de uma vitória, e traduz de forma épica a trajetória de um time rumo ao título, incluindo seus altos e baixos, os dramas, a superação, as incertezas, a esperança, a fé e o amor do torcedor, essa força espiritual que move paixões e sem a qual não se pode chegar às glórias.

Os torcedores dos grandes clubes do Rio devem muito a Lamartine Babo. De sua pena saíram os hinos de Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense, Botafogo e América, seu time do coração. Cada um mais belo que o outro. Suas melodias, harmonias, ritmos e, principalmente, os versos inspirados atravessaram gerações e provaram a perenidade da obra do velho Lalá, considerado o rei das marchas e sambas carnavalescos das décadas de 30 e 40.

O que nem todo mundo sabe é que esses hinos que tanto encantam os torcedores nasceram em 1945, a partir de um desafio proposto a Lamartine Babo pelo radialista Heber de Bôscoli, seu companheiro no Trio de Osso, completado por Yara Sales. O nome do conjunto – além de brincar com a magreza de seus integrantes - era uma paródia ao famoso Trio de Ouro, à época formado por Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e Nilo Chagas.

Bôscoli provocou Lalá a compor um hino para cada clube de futebol do Rio de Janeiro, para ser apresentado semanalmente, às terças-feiras, no programa “Trem da Alegria”, estrelado pelo grupo na rádio Mayrink Veiga. Espirituoso, o compositor buscou as características de cada time para cumprir sua missão. Sobre o Flamengo, clube de massa, fez um hino de guerra quente, passional, em ritmo acelerado, com direito a citação do Fla-Flu.

Já para o Fluminense, o homenageado deste texto, elaborou a mais refinada de todas as letras, de acordo com a tradição aristocrática do clube. Termos como “fidalguia, glórias retumbantes, paz e harmonia” revelam a sua preocupação em retratar o Fluminense como um time de elite.

Para o Vasco da Gama, primeiro clube a aceitar jogadores negros em seu elenco, Lalá cita o heróico português que dá nome ao clube para elaborar um brilhante traço de união Brasil-Portugal.

Em relação ao Botafogo, o compositor criou uma marcha de extremo lirismo e sabor de nostalgia, mas desagradou à diretoria do clube. Os dirigentes acharam que o trecho “Botafogo, Botafogo, campeão de 1910” poderia sugerir que o clube só fora

José Roberto Santos Neves

campeão naquele ano, e chegaram a proibir a execução do hino no Maracanã, ordem que foi naturalmente desobedecida pelos torcedores.

Lalá guardou para o seu América aquele que para muitos é considerado o mais bonito de todos os hinos do futebol brasileiro. Sua paixão pelo clube era tanta que ele fez questão de incluir uma autocitação na letra, no trecho “Tralalá... lá... lá... lá...”, e, mesmo doente, desfilou fantasiado de diabo pelas ruas do Rio de Janeiro, em comemoração ao título conquistado pelo América no Campeonato Carioca de 1960. No entanto pesa sobre o hino americano a acusação de plágio da canção “Row Row Row”, dedicada aos remadores dos Estados Unidos. O mestre Armando Nogueira, que conheceu Lalá, dizia que ele saía pela tangente sempre que questionado sobre o suposto plágio:

- Eu sou um romântico...

De qualquer forma, Lalá cumpriu sua missão: a partir de um simples desafio radiofônico, fez milhões de pessoas cantarem “com calor e com vigor”, “seja na terra seja no mar”, “de norte a sul destes Brasis”, “na estrada dos louros, num facho de luz”, “hei de torcer até morrer”, porque para os torcedores o hino mais bonito será sempre o do time do coração.